

CAROLINA LOURO LOPES

A Avaliação e suas práticas: o desafio de avaliar o processo ensino-
aprendizagem na Educação Física Escolar.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Licenciatura
em Educação Física da Universidade
Federal Fluminense, como Requisito
parcial para obtenção do Grau de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof.^a Dr^a. Martha Lenora Queiroz Copolillo

Niterói

2016

CAROLINA LOURO LOPES

A Avaliação e suas práticas: o desafio de avaliar o processo ensino-aprendizagem na Educação Física Escolar. – Niterói: [s.n.], 2015.

Nº de folhas.: 41, 30 cm.

Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Física – Universidade Federal Fluminense, 2016).

CAROLINA LOURO LOPES

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau de

Aprovada em

de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Martha Lenora Queiroz Copolillo - Orientadora

UFF

Prof.^a. Ms. Neyse Luz Muniz

UFF

Prof.^o. Ms. Marcos Paulo Araújo Macieira de Andrade

UFF

Niterói

2016

Dedico esse trabalho a minha família, por todo amor e carinho ao longo da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de falar que sou verdadeiramente grata a cada pessoa que será citada nos meus agradecimentos, com certeza cada um deles contribuíram para o que eu sou hoje.

Não tem como não começar pelos meus pais, responsáveis por grande parte da minha educação e pela minha vida. Obrigada por serem sempre presentes e por ter nos tornados uma família unida. Amo vocês.

Meu pai, meu ídolo, meu exemplo. Homem de poucas palavras, mas sempre com sabedoria e no momento certo. Sou grata a você por todo o esforço que fez/faz para que eu e meu irmão tivéssemos uma excelente educação sempre pensando no que era melhor pra gente.

À minha mãe, minha melhor amiga. Sempre disponível para ouvir minhas dúvidas e minhas inquietações. Obrigada por todo amor que me dá e por sempre ter aquela palavra de apoio e incentivo nas minhas escolhas, sem você não seria metade do que sou.

Ao meu irmão, por fazer seu papel de irmão chato muito bem feito. Se hoje eu me formo em Educação Física, foi ele o responsável por ter reacendido em mim essa vontade. Obrigada!

Ao meu namorado, Felipe, que me acompanha a mais de oito anos, sempre presente em todos os momentos e nas diferentes fases da vida. Obrigada por ser paciente nos meus momentos de estresse, por ser parceiro, cúmplice e por apoiar minhas escolhas.

Thor, Suria e Puppy, por sempre me receber com lambidas e pulos, independentes de qualquer humor e pelo amor incondicional.

Aos meus padrinhos, Ana e Marcos. Obrigada por todo carinho e preocupação dedicados a mim.

Ao meu grande amigo, que hoje é um irmão, Herbert. Obrigado, pela sua amizade de anos, pelos puxões de orelha, mas principalmente por ainda ser presente, apesar, das nossas vidas terem tomados caminhos diferentes. Não há distância que nos afaste.

A minha acupunturista e amiga, Gisele, por sempre ter um jeitinho de me acalmar, de me fazer ter noites de sono, de acabar com minhas enxaquecas e por passar uma tranquilidade enorme.

Matheus e Rayana, por estarem nessa caminhada junto comigo desde o princípio, por compartilhar a mesma ideia de educação, mostrando que não estou sozinha nessa árdua caminhada. Pelas palavras de apoio e incentivo ao longo do curso.

À minha querida, amada, orientadora e amiga, Martha, por sempre estar presente na minha vida acadêmica e pessoal, por aceitar orientar esse trabalho, pela paciência, pelas broncas, pela confiança e por todo carinho.

A todos os professores do Instituto de Educação Física, pela contribuição dada a minha formação enquanto educadora e por me mostrarem que é possível fazer uma educação física que colabore com a educação do nosso país.

Aos professores, dos estágios que tive durante a graduação, pelo aprendizado vivido no cotidiano dos colégios e por ainda acreditarem na educação. Em especial, Analice, Leo e Dali.

Aos meus colegas de turma e futuros colegas de profissão, pelos debates produtivos e conversas que tivemos durante toda a nossa graduação.

E por último, mas não menos importante, a minha banca examinadora, Marcos Paulo e Neyse Muniz, por terem aceitado o convite e pelas contribuições não só neste trabalho como também durante todo curso.

Meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Este trabalho questiona a prática avaliativa nas aulas de Educação Física Escolar e aponta caminhos para uma avaliação mais coerente com o discurso dos professores. Sem a intenção de obter respostas concretas e entendendo como apenas o começo de um estudo acerca dessa complexa temática, é a partir das minhas vivências tanto como aluna quanto aluna-mestre é que surgiram os questionamentos presentes neste trabalho. Apresento três grandes autores que falam de avaliação para dialogar e embasar minhas críticas. Fica claro que é um tema complexo e que há uma grande lacuna nas licenciaturas e na formação continuada dos professores.

Palavras-chave: Educação Física; Avaliação; Prática.

Abstract

This work questions the evaluation practice in physical education classes and shows the way for a more coherent evaluation with the speech of teachers. Without the intention of getting concrete answers and understanding as just the beginning of a study on this complex subject, is from my experiences as both student as student - teacher emerged is that the present questions in this work. Present three great authors who speak assessment for dialogue and support my criticism. Clearly, it is a complex issue and there is a big gap in undergraduate and continuing education of teachers.

Keywords: Physical Education; Evaluation; Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
JUSTIFICATIVA.....	12
METODOLOGIA.....	14
CAPÍTULO 1 – Histórico.....	15
CAPÍTULO 2 – Avaliação na Educação	
2.1 – Pensando com HOFFMAN.....	16
2.2 – Pensando com ESTEBAN.....	20
2.2 – Pensando com LUCKESI.....	24
CAPÍTULO 3 – O ato de avaliar: início de uma reflexão crítica na Educação Física Escolar.....	31
CAPÍTULO 4 – Considerações finais.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

Para compor esse trabalho e problematizar a temática, trouxe das minhas vivências, tanto como aluna da graduação como discente na escola situações que me causavam um certo desconforto e muitas dúvidas.

Esse trabalho busca questionar o modo que a avaliação vem sendo feito nas escolas e, principalmente nas aulas de Educação Física. Procurei levantar questões a respeito do significado da avaliação no planejamento dos professores, o que podemos alcançar quando uma avaliação passa a ser aliada dos alunos e dos professores para contribuir de forma efetiva no processo ensino/aprendizagem. E, especialmente quando não desqualifica os sujeitos e sim os ajuda na sua formação cidadã.

Ao longo dessa pesquisa procurei dialogar todas essas minhas vivências com os estudos de três grandes autores que discursam sobre a temática.

Com o objetivo de situar a avaliação na sociedade farei um breve histórico, falando do ato de avaliar e como essa prática se construiu nas escolas. Não irei me aprofundar no assunto, uma vez que este não é meu principal objetivo, porém fica muito claro que não houve uma renovação da prática avaliativa, o modo como era feito há décadas atrás é o que ainda vemos nos dias atuais.

Para pensar a avaliação, trago três grandes autores no campo da Educação, Jussara Hoffmann, Carlos Cipriano Luckesi e Maria Teresa Esteban. Divididos em tópicos irei dialogar com suas teorias em relação ao erro como punição, a avaliação e o fracasso escolar, a avaliação mediadora, a polêmica do exame como modo de avaliação, o respeito ao tempo de aprendizado de cada aluno, valorização dos conhecimentos que cada aluno carrega consigo e a homogeneidade dentro de sala de aula.

Após fazer um apanhado geral da avaliação e de levantar questionamentos pertinentes ao seu objetivo, falarei especificamente da avaliação dentro das aulas de Educação Física, o modo como presenciei através dos estágios supervisionados, projetos de iniciação a docência e da prática de ensino, a presença e participação como meios de avaliar, as dificuldades que os professores encontram para avaliar a turma de

uma maneira diferente desta e uma avaliação coerente com a Educação Física Escolar que acredito que deva ser.

Não tenho como pretensão definir a maneira certa de como o professor deve avaliar os alunos, porém irei traçar caminhos diferentes para essa prática, e ousar afirmar que é possível uma renovação da metodologia de avaliar e, espero que dessa forma possa e contribuir para o debate dessa complexa temática.

Justificativa.

Ao entrar na graduação pude perceber que os métodos avaliativos dos professores eram bem diferentes daqueles que eu, até então, estava habituada a ver. A maioria das disciplinas não utilizava a prova como avaliação. Nossa presença, nossa participação em debates, questionamentos pertinentes ao assunto, trabalhos em grupo e individual e o que havíamos mostrado ter compreendido durante as aulas sobre a disciplina, eram relevantes para compor nossa nota.

Quando paro pra pensar nos métodos de avaliação dentre os muros das escolas, logo me vem à memória os alunos sentados em suas carteiras, cada um com uma folha com dez perguntas sobre o que ele aprendeu durante aquele período e que ao final do ano o resultado de diversas provas como estas, viraria uma nota, que se estivesse acima da média do colégio o aluno passaria de ano. Quando busco saber sobre as avaliações que nos eram feitas nas aulas de Educação Física a cena que me remete é a dos professores falando que nossa nota seria correspondente a nossa presença e participação nas aulas. - e os questionamentos acerca da avaliação me instigam, a saber, qual relevância dessa forma de avaliar para o meu aprendizado? E por que essa seria a principal forma de avaliação do professor?

Esse tipo de avaliação nas aulas de Educação Física também é perceptível nas práticas de ensino¹ que tive ao longo da graduação. Nas observações que pude fazer enquanto aluna-mestre, era de que os professores regentes da turma que fiquei responsável por ministrar as aulas, não passavam para nós, alunos da UFF, como era feita a avaliação da turma, quais eram os critérios utilizados para a formação da nota do aluno e se participaríamos dessa avaliação. Essa cena se repete ao virar bolsista do programa institucional de bolsa de iniciação a docência, onde fica claro que os critérios de avaliação nas aulas de educação física é a presença e a participação. Mais uma vez as dúvidas que tinha enquanto aluna surgem e ganham relevância nos meus questionamentos quanto à prática pedagógica dessa disciplina curricular.

¹ Pesquisa e prática de ensino é uma disciplina da graduação em educação física da UFF, que possibilita aos alunos a vivência no cotidiano escolar e a ministrar atividades em turmas dos diversos seguimentos escolares.

Sigo com Alves (2008), para pensar que é preciso conhecer esses espaços tempos educativos e com essa autora reconheço a “necessidade do mergulho nos cotidianos a fim de que se conheça muito mais do que a visão nos apresenta”. Para pesquisar e sentir os cotidianos, é necessário ultrapassar tais limites e “executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar” (p. 42).

Com as possibilidades de “mergulhar” no cotidiano das escolas, especificamente nas aulas de educação física, pude perceber que as formas de avaliação se aproximavam das que sempre questionei por não compreender o sentido e o significado dessas práticas no processo de escolarização. Ou seja, a relevância desse processo continua a ser a ênfase na presença com base em critérios não definidos para quantificar, tampouco qualificar a participação nas aulas.

Essas vivências foram me instigando acerca dessa temática e me trazendo questionamentos que se desdobraram em perguntas que são norteadoras desse estudo e que me ajudam a desenhar o meu problema de pesquisa. A partir disso me pergunto: Por quê? Para que? Só para dar nota? E o processo educativo? Quais eram os objetivos dessa disciplina? Enfim, muitas dúvidas me instigaram a me debruçar sobre essa complexa temática.

Com isso, com os debates sobre o assunto e com as novas possibilidades de avaliar que presenciei enquanto aluna da graduação, busquei autores que dissertam sobre essa temática com o intuito de compreender melhor sobre o que é avaliar, qual o potencial qualitativo que esse ato pode ter no processo de construção de conhecimentos e qual a relevância disso na formação dos alunos numa perspectiva de humanização e de formação cidadã. A partir disso surgiu a possibilidade de fazer esse trabalho de conclusão de curso sobre essa temática e optei por realizá-lo por acreditar que a avaliação faz diferença na educação.

Assim sendo, essa pesquisa busca uma compreensão ampliada do que significa avaliar no contexto escolar e se propõe a estabelecer um dialogo acerca do que é e do que pode ser avaliar no cotidiano das aulas de Educação Física. Por acreditar, enquanto educadora, na formação permanente e a clareza da complexidade que se coloca quando pensamos na avaliação, ganha relevância a escrita dessa monografia e a continuação dos meus estudos nesse campo.

Metodologia.

Esse estudo toma como base o “quotidiano como alavanca metodológica do conhecimento” (PAIS, 2003) e traça um caminho a partir das minhas experiências como aluna e aluna-mestra nessa Licenciatura, colocando-as em diálogo permanente com autores (as) que pesquisam no campo da avaliação.

A pesquisa se sustenta por uma revisão de literatura com o objetivo de buscar referências teóricas que contribuam para um aprofundamento das discussões que se colocam entorno da temática avaliação.

O estudo proposto levanta questões complexas e dentro dessa lógica compreende a impossibilidade de respostas únicas, verdades absolutas e análises generalizantes. Assim sendo, se ancora em princípios de uma pesquisa qualitativa que segundo Minayo (2010)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes (p.29).

Dessa forma, sigo por esses caminhos com uma investigação sobre o ato de avaliar no contexto escolar e, especificamente nas aulas de Educação Física pensando com Esteban (2012), que nos convida “a incorporar a avaliação como processo coletivo de reflexão sobre a relação *ensinoaprendizagem* em sua complexidade, para favorecer a contínua ampliação do conhecimento por todos que cotidianamente partilham a vida escolar.” (p.64).

Capítulo 1

Um pequeno histórico sobre a avaliação.

O exame não é uma prática exclusiva de qualquer ação educativa. Ele já era praticado antes mesmo do aparecimento da instituição escolar, nas mais diversas civilizações. Ele surgiu como instrumento para eleger membros de castas inferiores, criado pela burocracia chinesa (BARRIGA, 2003), a fim de delimitar os cargos em que essas castas poderiam exercer naquela sociedade e para que não houvesse algum tipo de proteção dessas pessoas em troca de apoio político. Não há indícios da existência de um sistema de exames relacionado à prática pedagógica antes da idade média.

No que diz respeito à parte ocidental do mundo, podemos dizer que a avaliação através de provas e testes, teve sua origem na escola moderna, se sistematizando a partir dos séculos XVI e XVII, como parte no processo de consolidação da sociedade burguesa (LUCKESI, 2008). O nosso sistema de avaliação no ambiente escolar foi oriunda da prática examinatória dessa época, com base na atividade pedagógica produzida pelos padres jesuítas. Era composta por provas e exames com a presença de uma banca examinadora e o seu resultado era divulgado publicamente.

O termo avaliação educacional foi criado pelo americano Ralfh Tyler², ele afirmava que “a avaliação consistiria numa constante comparação dos resultados da aprendizagem dos alunos com os objetivos previamente determinados na programação do ensino.”

Podemos ver que essa pratica ainda é presente nos dias atuais, quando paramos para pensar como é feito para se verificar o que foi aprendido pelo aluno em um determinado período de aulas. As provas e testes são aplicados ao final desse período.

² Disponível em: cewk.pbworks.com/f/CONTEXTO+HISTÓRICO+DA+AVALIAÇÃO.doc. Acessado em: 18/04/2015.

Capítulo 2

Pensando a avaliação na Educação

2.1 Pensando com HOFFMANN

Jussara Hoffmann é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou durante muitos anos nas escolas e no Ensino Superior. Sua linha de pesquisa é a respeito da Avaliação Mediadora. Após sua aposentadoria desenvolveu programas de formação docente, a nível nacional e internacional. Suas publicações sobre a Avaliação Mediadora superam a marca de seiscentos mil livros vendidos em todo mundo.

A autora traz uma maneira de ver a avaliação, chamada de avaliação mediadora. A avaliação mediadora possibilita a investigação, a mediação, à aproximação de hipóteses aos alunos, faz com que eles percebam pontos de vistas diferentes para construir um caminho para o conhecimento. A autora também traz que o erro e o momento da correção passam a existir como momentos de reflexão sobre as hipóteses construídas pelo aluno, não por serem certas ou erradas, mas por poderem dialogar sobre os resultados, por ser um momento de troca de saberes, levantar hipóteses e juntos poderem chegar a um resultado.

Nesse sentido, o professor se torna um aprendiz no processo, pois se aprofunda nas estratégias de pensamento do aluno, nas formas como ele age, pensa e realiza essas atividades educativas. Só assim é que o professor pode intervir ajudar e orientar esse aluno. (Hoffman, entrevista.)

O papel do professor, nessa forma de medir os conhecimentos aprendidos pelos alunos, se dá mais como um mediador do conhecimento, da dinâmica dentro da sala de aula ou em qualquer outro espaço de educação, ele dialoga com os alunos, ele os questiona, ele é questionado, ele constrói os saberes junto com os alunos.

Em uma disciplina que cursei durante a graduação de nome Desenvolvimento Infantil, em uma aula que tivemos exemplifica exatamente o professor mediador fazendo o seu papel de junto com a criança alcançar o objetivo traçado por ele. O

professor nos passou um vídeo que mostrava um aluno, que a mãe dizia ser muito agitado e que não conseguia acompanhar a turma nos deveres e que não conseguia ler. O menino sentado ao lado do mediador começou a ler uma história em quadrinho da Turma da Mônica, as dificuldades com a leitura foram aparecendo, porém o mediador foi dando dicas e explicando o que aquela palavra significava e como a pronunciava. Ao final do vídeo o aluno terminou a leitura com um bom entendimento da história que estava sendo contada e não se distraiu com as situações que estavam acontecendo a sua volta.

Podemos ver que o mediador teve um papel muito importante para o desenvolvimento dessa criança em relação à leitura e isso foi feito sem que o aluno fosse exposto para a turma como alguém que não sabia ler, sem classificá-lo como apto ou não, sem expor o aluno a uma situação em que ele soubesse que estava sendo avaliado e que ele deveria apresentar resultados ao professor.

A avaliação é sinônimo de evolução. Eu respondo sobre a evolução de um aluno de uma tarefa a outra, de um fazer a outro, de um momento de convivência a outro. Avaliação é, basicamente, acompanhamento da evolução do aluno no processo de construção de conhecimento. E para responder sobre essa evolução eu preciso caminhar junto com ele, passo a passo. Eu não posso me postar no final do caminho e dizer se o aluno chegou lá. É preciso acompanhá-lo durante todo o caminho. (Hoffman, entrevista)

A autora defende três princípios para que esse tipo de ação possa acontecer no âmbito escolar. O primeiro deles seria a da avaliação a serviço da ação. Esse princípio se consiste no avaliar o aluno com a preocupação de agir e de melhorar a situação de aprendizagem do mesmo. O professor deve buscar uma forma de não só investigar a aprendizagem dos alunos, mas também uma forma de ajudar o desenvolvimento do saber do aluno.

O aluno ao obter um resultado não satisfatório para uma determinada atividade, o professor buscaria entender o que levou o aluno a ter aquele rendimento, caminharia com ele ajudando-o nas suas dificuldades, e não apenas pegar esse resultado e guardar para após todas as atividades os resultados chegassem a uma nota. É dizer ao aluno que ele é capaz de melhorar e que você como professor está ali para ajudar.

A avaliação, enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno - uma conexão entendida como reflexão aprofundada a respeito das formas como se dá a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento. (Hoffman)

O segundo princípio é o da avaliação como projeto de futuro. Digamos que o professor realizou uma prova com a turma e o resultado dessa prova será interpretado pelo professor. Essa interpretação não deverá ser para dizer o que o aluno não sabe, mas deverá ser para o professor traçar novos caminhos pedagógicos para entender os alunos e que esses possam ter um aprendizado mais coerente. Ver as entrelinhas do resultado, o que aquilo nos quer dizer, o que o professor deixou passar no momento de mediar às tarefas e como aquilo pode ajuda-lo para que em uma próxima prova o aluno obtenha um resultado mais satisfatório do seu aprendizado. E para isso a autora diz que é preciso acreditar que não existe o “não- aprender”, mas sim tempos e jeitos diferentes de aprender a aprender.

Garantir a todas as crianças e jovens uma aprendizagem para toda vida. Para tanto, é preciso acreditar que não existe o “não-aprender”, mas jeitos e tempo diferentes de aprender a aprender e de aprender sobre a vida. É preciso, sobretudo, respeitar a diversidade dos educando se pretendemos formar para a cidadania, reconhecendo a todos como dignos de educação, atenção e respeito. (Hoffman, 2006, p.55)

O terceiro e ultimo princípio é o princípio ético. Quando o professor tem em mãos o resultado de uma avaliação da turma, existem aqueles alunos que se mostraram mais entrosados com a matéria, que conseguiu assimilar os assuntos e tem aqueles alunos que tiveram uma maior dificuldade de interpretação da matéria e não se sai bem na prova aplicada pelo professor. Esses alunos com uma maior dificuldade no aprendizado não devem ser ignorados, devem ser vistos com sua devida importância, pois são esses alunos que deixaram de ser atendidos no processo de ensino aprendizagem até aquele determinado momento. Essa é a ética que todo professor deveria ter, não deixar de lado o aluno que teve um resultado abaixo do esperado, esse aluno deve ser olhado com suas marcas e seus conhecimentos.

Essa forma de avaliação mediadora deve ser também contínua no processo ensino aprendizagem. O aluno vem em uma constante mudança, está inserido em meios onde se tem informações, sejam elas verdadeiras ou não, rápidas e de fácil acesso, há uma necessidade do professor saber esses conhecimentos dos alunos e saber que a sociedade é dinâmica, e que a cada dia surge um conhecimento novo nos alunos e com uma única prova no final do período não é suficiente para se ter toda essa informação.

A avaliação contínua dá ao professor oportunidade de conhecer o contexto sociocultural do aluno, de olhar o aluno como um sujeito dotado de histórias e marcas, dá oportunidade ao professor de caminhar junto aos alunos, para o crescimento de cada um, é uma troca de conhecimentos, cada um colabora de uma maneira para o sucesso do outro.

A minha grande busca é de desenvolver estudos no sentido de avaliar para promover. Não uma promoção burocrática, mas uma avaliação para o desenvolvimento moral e intelectual. Avaliar para promover a cidadania do aluno, como sujeito digno de respeito, ciente de seus direitos e que tenha acesso a todas as oportunidades que a vida social possa lhe oferecer. E sem promover a aprendizagem isso não acontecerá. (Hoffman, entrevista)

A partir dessas reflexões penso que ao avaliarmos um aluno devemos ter clareza do nosso objetivo enquanto educadores e da sociedade que queremos, pois só assim deixaremos de ser reprodutores de informações, um objeto para a manutenção do sistema e passaremos a contribuir para a mudança, passando para nossos alunos que eles não devem ver toda informação como verdade absoluta e que passem a questionar o ambiente que o cerca.

2.2 - Pensando com ESTEBAN

Maria Teresa Esteban, atualmente é professor Associado II da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Filosofía y Ciencias de La Educación pela Universidade de Santiago de Compostela, tem experiência na área de Educação, com ênfase em Avaliação da Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação, cotidiano escolar, classes populares, heterogeneidade e processo dialógico.

Maria Teresa Esteban levanta outra questão a respeito da avaliação do ensino-aprendizagem. Ela nos diz que a avaliação é a maior responsável pelo fracasso escolar e como mecanismo de exclusão social, esta já apontado por Luckesi (2008). Através dela o processo de discriminação e exclusão social fica evidente e quem sofre com isso são as crianças de classe econômica mais baixa, os afrodescendentes dentre outros grupos. O que não poderia ser muito diferente, uma vez que a escola é uma instituição social e está inserida em uma sociedade capitalista e excludente, onde a riqueza é sinônimo de poder.

A escola em sua maioria é um espelho da sociedade, e os conhecimentos passados para seus alunos são de acordo com o sistema capitalista que vivemos, é difícil encontrarmos uma escola com um método de ensino e de avaliação que diverge da lógica e dos valores impostos pela sociedade, como por exemplo: hierarquização das relações e atender aos interesses das classes mais ricas.

Ao passar pela disciplina de Pesquisa e Prática de Ensino (I, II, III e IV), pude notar que os conteúdos da Educação Física não tinham uma variação, a partir do fundamental II o que mais presenciei foram o queimado, futebol, vôlei e basquete, na maioria das vezes o aluno que escolhia o que iria fazer. A partir da nossa intervenção enquanto graduandos no colégio foi possível mostrar aos alunos novas atividades, novos jogos ou até mesmo jogar de outra maneira o que eles já estavam habituados a fazer.

“A elaboração de propostas de novos caminhos deve ter claro que nas ações e opções atuais estão sendo condicionadas formas de vida para as próximas gerações, formas que trazem em si mesmos erros e acertos do passado e que o presente não pode antever com precisão seus resultados futuros.” (ESTEBAN, 2013, p.16).

Esteban traz que ao dar oportunidades iguais de ingresso às crianças brasileiras nas escolas, o método de ensino e de avaliação não são feitos adequadamente ao público alvo. As crianças das classes populares são as mais prejudicadas, pelo modelo de ensino não ser feito para a realidade do aluno e nem sofrer adaptações a partir do ingresso delas. A partir daí podemos associar ao fracasso escolar, pois o aluno não consegue acompanhar o conteúdo e não recebe nenhum tipo de ajuda para melhorar sua aprendizagem. A avaliação está diretamente ligada a essa situação, pois quando o professor obtém os resultados das avaliações que foram aplicadas e nada faz a respeito desse resultado, vemos que não há uma maior preocupação em entender um pouco melhor da criança e ajuda-la no seu aprendizado.

O (a) professor (a) avalia e classifica cada aluno (a) sem considerar o processo global do indivíduo e da sua turma, tendo como base modelos de aprendizagem e desenvolvimento idealizados que não aportam fundamentos teóricos que permitam uma reflexão profunda sobre os fatos observados. Como consequência dessa fragmentação, não encontra meios para estabelecer as conexões necessárias e perceber que são poucas as crianças que conseguem responder às exigências do modelo utilizado como referência. (ESTEBAN, 2013, p.25)

Em uma das aulas que dei durante a prática de ensino III, que correspondia a turmas do segundo segmento do ensino fundamental, um dos alunos veio em minha direção dizendo que não faria a atividade por que não sabia fazer uma estrela e que não passaria vergonha na frente dos amigos. Eu, enquanto professora, não pude ignorar a fala do aluno e no mesmo instante disse a ele que todos estavam ali para aprender e que eu o ajudaria a fazer o movimento, esclarecendo que o objetivo daquela atividade não era a perfeição da estrela, mas sim a consciência corporal para tal atividade. Eu poderia simplesmente ignorá-lo o excluindo da aula e interrompendo todo o processo de aprendizado daquele aluno, uma vez que ao deixá-lo de fora ele não estaria tendo aquela vivência, deixando uma lacuna nas suas experiências corporais.

Esteban diz que a sala de aula é um lugar de pluralidade, de diferentes vivências, diversas culturas, múltiplos saberes, de movimento e ao transformar-se em professor/aluno, a construção e organização da sala de aula se torna homogênea, onde todos sentam iguais, o professor sendo o responsável por passar um saber, tudo se torna

diferente, parecendo que aqueles sujeitos antes de entrarem ali, foram esquecidos. E a partir disso se dá um processo de avaliação para a linearidade e como um processo para disciplinarizar o conhecimento, a hierarquizar os sujeitos. Esse processo avaliativo não se encaixa numa estrutura escolar onde os valores, os saberes, as vivências dos alunos são valorizados e levados em consideração no processo ensino-aprendizagem, onde a heterogeneidade e a troca dos saberes são vistos como algo positivo e de importância para vida.

“A avaliação não pretende controlar e classificar o rendimento do aluno ou da aluna, tampouco poder ser direta ou indiretamente, usada para controlar e classificar o rendimento da professora. A avaliação pretende promover uma reflexão que participe da experiência de ensinar com e de aprender com, tecida coletivamente na sala de aula, na sala dos professores, no pátio, no refeitório, no banheiro, nos corredores, no portão, na biblioteca nos tantos outros lugares por onde transitam os sujeitos que se encontram na escola para realizarem, juntos, um trabalho que visa à ampliação permanente dos conhecimentos.” (ESTEBAN, 2013, p.35).

Para a construção desse trabalho li inúmeros artigos, alguns livros e dentre eles o “O que sabe quem erra?” dessa mesma autora. Esse título me leva a uma profunda reflexão a respeito dos saberes dos alunos, principalmente aqueles que têm uma maior dificuldade de aprendizado e sobre a relação do científico com as diferentes formas de saber.

Ninguém é vazio de conhecimento, todos nós temos uma bagagem de vivências, de aprendizado, de saberes e de valores, mas ao entrar em uma sala de aula o saber que ditam ser mais importantes para aquele ambiente são os que estão nos livros e nas apostilas da escola. Aquela criança que tirou a menor nota da sala, que não conseguiu acompanhar o conteúdo passado pelo professor, não sabe nada? Qual a atitude do professor diante dessa situação? Ele procurará entender o que aconteceu com aquele aluno? Irá procurar saber o que aquela criança sabe? Irá contextualizar os saberes dele com o conteúdo programado? Porque errar não é sinônimo de não saber nada.

A imposição de uma lógica única, de um só saber, o reconhecimento de um conjunto de conhecimentos como único e legítimo tem o sentido de eliminar todas as outras possibilidades, fazendo da ignorância a única alternativa para quem não domina o conhecimento valorizado. A aceitação da ausência de

determinados conhecimentos como ignorância transforma o potencial criativo dos múltiplos saberes em impossibilidades. (Esteban, 2013, p.17)

Para entendermos melhor esse tipo de avaliação que me fez levantar esses questionamentos, Esteban (2013) diz que quando o conhecimento científico deixa de ser considerado o único conhecimento legítimo, o processo de avaliação é fraturado. A ampliação desses conhecimentos, ao trazer o que o aluno sabe para dentro da sala de aula e conseqüentemente fazer parte da avaliação, implica no questionamento da existência de um único modelo de respostas a partir do qual se faz a avaliação. Logo, *expressa, também, uma nova perspectiva de interação entre ciência e senso comum, evidenciando elementos bastante significativos para repensarmos a práxis pedagógica.* (Esteban, 2013.)

Com isso podemos dizer que o professor tem um papel fundamentalmente importante na valorização dos saberes e do modo de como o sujeito será visto e avaliado durante seu aprendizado. É necessária uma reciclagem no ensino superior, para que a avaliação seja dada com sua devida importância e para os professores chegarem às escolas mais bem preparados para lidar com a dinâmica da educação e do cotidiano escolar.

Assim, a ênfase nas possibilidades de conhecimentos implica tirar o foco dos alunos pensados como indivíduos isolados, que sabem ou não sabem, e colocá-los nas relações sociais estabelecidas entre eles e por eles com a sociedade mais ampla, que são efêmeras e inclassificáveis, caracterizando um permanente (in) completude, ou seja, uma permanente condição de ainda não sabem. Isto é, a proposta de se pensar a avaliação como investigação dos *saberes-fazeres* dos alunos não ficaria reduzida nem aos ideais das propostas oficiais nem aos desempenhos individuais dos alunos, mas contemplaria a própria dinâmica do conhecimento em sua tessitura, exigindo dos professores uma desconstrução do que se entendia, até então, por avaliação. (Ferraço, 2010, p.107)

Com tais questionamentos, é perceptível para mim que há uma grande necessidade de avaliar o aluno de uma forma mais democrática, abrangendo todo o contexto do aluno. Não é uma tarefa fácil, mas necessária na medida em que queremos uma mudança na educação brasileira e nas atitudes dos sujeitos que a compõe.

2.3 – Pensando com LUCKESI

Cipriano Carlos Luckesi, Doutor em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Importante autor e estudioso na área da avaliação, com diversos livros publicados sobre a temática. Atualmente é professor aposentado, orientador de pós-graduandos e integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Ludicidade da Universidade Federal da Bahia.

Luckesi (2008) aponta que avaliar é um ato implicado em dois processos indissociáveis; diagnosticar e decidir. O autor acredita que não há possibilidade de avaliação sem previamente conhecer e qualificar o objeto em que esta sendo avaliado, para que a partir de então, seja tomada uma decisão do que deve ser feito. Esse mesmo autor nos mostra que o ato de avaliar é dinâmico, que se após essa qualificação nenhuma atitude seja tomada, não haverá sentido na avaliação, ela só será completa se o resultado desse processo tiver como retorno alguma mudança desse sujeito.

Assim o autor nos mostra que:

O ato de avalia não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo. “Desse modo, a avaliação é uma auxiliar de uma vida melhor, mais rica e mais plena, em qualquer de seus setores, desde que constata, qualifica e orienta possibilidades novas e certamente, mais adequadas, porque assentadas nos dados do presente.” O método de avaliar a aprendizagem do aluno também diz respeito a que o sistema de ensino representa, uma vez que a escola está inserida e uma sociedade capitalista. Nessa lógica, o processo avaliativo se constitui em binômios que polarizam os sujeitos buscando qualificar e desqualificar com foco no quantitativo, seja através da nota de uma prova, de em uma entrevista de emprego, do belo e do feio, etc.

Quando trago essas reflexões para pensar na avaliação no ambiente escolar, a questão do método não levar em consideração os saberes para além dos muros da escola e todo o percurso do aluno durante o ano, o quanto ele evoluiu de um período a outro. Se em uma prova o aluno tirou três e na outra tirou nove, vemos uma grande evolução do aluno, porém no boletim constará que ele é um aluno na média, uma vez que a nota se dá na média das duas notas da prova, nesse caso o aluno teria uma média igual a seis. O que penso com isso é que as avaliações não são processuais, e dessa forma acabam

por fragmentar o percurso dos sujeitos não refletindo no que cada um pode evoluir ou não. Esse resultado seria realmente coerente com o desenvolvimento do aluno?

Essa prática de medir o conhecimento e transformá-lo em um número, Luckesi chama de exame. Com base no referido autor está:

É uma prática comum, no meio escolar, utilizar o expediente de ameaçar os alunos com o poder e o veredicto da avaliação, caso a “ordem social” da escola ou das salas de aula seja infringida. Uma atitude de “indisciplina”, na sala de aula, por vezes, é imediatamente castigada com o teste relâmpago, que poderá reduzir as possibilidades de aprovação do aluno; ou, às vezes, os alunos são advertidos, previamente, que “se vierem a ferir a ordem social da escola” poderão sofrer consequências no resultados da avaliação, a partir de testes mais difíceis e outras coisas mais de instrumento de diagnóstico para o crescimento, a avaliação passa a ser um instrumento que ameaça e disciplina os alunos pelo medo. De instrumento de libertação passa a assumir o papel de espada ameaçadora que pode descer a qualquer hora sobre a cabeça daqueles que ferirem possíveis ditames da ordem escolar. Que inversão! (Luckesi, 2008, p.40)

O mesmo autor diz que a avaliação não pode ser vista como exame, este por sua vez serve apenas como um meio de verificação do que o aluno sabe naquele momento sobre uma determinada matéria, é uma forma descontextualizada de avaliação do processo ensino aprendizagem.

O autor especifica ainda três características básicas do ato de examinar: é pontual, classificatória e seletiva. É um caminho de exclusão e seleção, que mede quem é melhor, quem sabe mais, em um determinado momento, não considera o contexto do aluno e de todo processo escolar. O exame nos dá como resultado o aluno apto ou não apto, aprovado ou reprovado.

Um exemplo para se definir exame, são as provas oferecidas pelas universidades brasileiras, onde o objetivo das mesmas é de selecionar os melhores candidatos. Aqueles que obtiverem uma pontuação alta, para os cursos desejados, poderão ingressar na Universidade. Essa realidade nos mostra que somente o resultado daquela determinada prova, classificando os candidatos como aprovados ou reprovados para o

ingresso nas Universidades, não é levado em consideração o histórico de cada aluno, o conhecimento e o processo de aprendizagem.

Com esse método de ingresso nas universidades brasileiras, o último ano do ensino médio das escolas, é praticamente um treinamento para a prova do Enem. São inúmeros simulados durante o ano, a matéria é voltada para os conteúdos que poderão cair na prova, aula de redação, aula aos sábados, sobrecarregando os alunos. Com a lógica da concorrência tanto dos vestibulares quanto dos colégios, essa forma de ensino também é feita para promover a escola. Muitos pais buscam uma escola que obtenha bons resultados no Exame Nacional do Ensino Médio, mas que não necessariamente irá dar uma boa educação aos seus filhos, simplesmente irão treiná-los para um exame.

Estudei em um colégio tradicional católico em Niterói o que teoricamente tem uma educação um pouco diferente de outros colégios particulares por ter um viés religioso, porém o que presenciei no meu último ano, foi esse mesmo tipo de ensino, voltado para o vestibular e para resolver questão de prova. Por um lado pode ser bom para o aluno o colégio o preparar para o vestibular, dizendo que era o futuro dele, porém, a escola também usa desse resultado como autopromoção, divulgando que seus alunos obtiveram grandes resultados no vestibular.

A partir disso podemos ver que, em sua maioria, o que vemos no cotidiano escolar é o professor examinar o aluno, no sentido de classificá-lo, e não avaliar o aluno no sentido de entender todo o processo de ensino, ver o aluno como um sujeito que carrega com ele saberes e valores que devem ser vistos pelo professor, esse por sua vez de usar desses saberes e valores como uma forma de ajudar o aluno a ter um melhor resultado ensino-aprendizagem.

Pensando nessa lógica de examinar o aluno que os colégios adotam como forma de avaliação, me pergunto no que a educação física se difere das outras disciplinas curriculares para não seguir essa mesma lógica? A relação com o saber nas aulas de educação física, a cultura corporal, segundo o Coletivo de Autores (1992) *resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola*, é uma relação que se concretiza através das diversas atividades, tais como, dança, luta, jogo, brincadeira, esporte e mímica. A criança não aprende somente quando lê, fala e escreve,

aprende quando se expressa corporalmente, uma vez que a maioria dos nossos movimentos não são naturais, são construídos a partir das nossas histórias de vida tecida por questões culturais, econômicas, sociais e afetivas.

Logo, a educação física é uma disciplina centralizada nas atividades corporais, que esta imersa em um ambiente que o que se valoriza é o *falar de e escrever sobre*, que é o cotidiano escolar. Uma das questões que faz a disciplina curricular educação física apresentar, no senso comum, uma desvalorização diante de outras tais como português e matemática é o fato de que os conhecimentos escolarizados não valorizam as práticas corporais como possibilidades de construção de conhecimentos.

Sem a pretensão de um aprofundamento acerca da historia da educação física, destaco que, não por acaso, a historia da educação física sempre esteve relacionada ao fazer por fazer, ou seja, o movimento só era valorizado na lógica do desempenho e da competição.

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, (não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional.]Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (Coletivo de Autores, 1992).

Essa construção histórica da disciplina ainda hoje deixa marcas no cotidiano das aulas de educação física escolar. Trago das minhas vivências lembranças da fala de um aluno em uma das aulas que dei enquanto bolsista PIBID:

-“ *professora essa atividade vale ponto? Se eu não fizer eu perco alguma coisa?*” Penso que o aluno não deveria estar preocupado se determinada atividade vale ponto para compor sua nota final, mas sim o seu aprendizado a partir daquela proposta. Esse pensamento do aluno muitas vezes é reafirmado pelo pratica pedagógica dos professores que ele teve ao longo das series. Falo por experiência própria, onde muitas

vezes meus professores nos incentivavam a fazer determinada tarefa por valer ponto, dando mais importância para nota do que para o nosso próprio aprendizado.

Em meio as minhas leituras, encontro essa autora que se aproxima do pensamento de Luckesi (2008) e traz sentidos e significados que vão ao encontro das minhas argumentações. Falo de Susana Maria Barrios Luis que em um livro organizado por Esteban (2006) nos diz que

“É necessário que a construção de conhecimentos signifique muito mais que a efetuação de um programa de ensino; seja, sim, uma constante necessidade para o aluno, a partir do estímulo a investigação, à busca de novos conhecimentos.”
(Luis, 2006, p.36).

A forma de se avaliar que acredito ser como uma parte do processo ensino/aprendizagem deve estar ligado ao projeto político pedagógico da escola, pois, *a avaliação é parte integrante do currículo, na medida em que a ele se incorpora como uma das etapas do processo pedagógico (p.119)*. Deve fazer parte do aprendizado tanto do educando quanto do educador. Para o professor, deve ser utilizada também, como recurso do seu trabalho, como um meio de se obter respostas no que diz respeito a sua metodologia de ensino, um feedback, uma comunicação do professor com o aluno, para tomar conhecimento do caminho percorrido pelos alunos até aquele momento. Deve ser claro para o professor que cada aluno tem o seu tempo para entender um determinado assunto, se o aluno não souber naquele momento ele pode vir, a saber, pois de acordo com os pensamentos de Esteban (2006) o erro faz parte do processo de aprendizado, pois deve ser compreendido como o que eu ainda não sei, mas poderei saber na continuidade do processo. Isso não desqualifica o aluno, isso o torna o indivíduo com suas características próprias.

De um lado, a avaliação de aprendizagem tem por objetivo auxiliar o educando no seu crescimento e, por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na sua apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos, convicções). A avaliação aqui apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão. (Luckesi, 2008,p.174)

Luckesi (2008) aponta que avaliação deve estar de acordo com o objetivo que o professor traçou para aquele determinado grupo, não é pontual, é dinâmica e incluyente. É preciso tomar os indicadores específicos da área a ser avaliada, não é pontual, pela avaliação estar contida no processo e não em um determinado momento, é dinâmica por dar a possibilidade de melhoria do que for preciso, não ver o erro e simplesmente reprová-lo e incluyente por não simplesmente dizer ao aluno que ele foi reprovado, mas sim dar a ele a oportunidade de juntos obterem a melhoria necessária.

A partir disso podemos dizer que é preciso estar claro o objetivo para o professor, o que ele busca quando planeja uma determinada atividade, qual a importância daquele conhecimento para seus alunos, ou seja, qual é a sua intencionalidade pedagógica, para que então ele possa traçar estratégias de ensino e de avaliação para poder chegar ao melhor resultado para os alunos. Se a aprendizagem não foi coerente à avaliação mostrará isso a ele e conseqüentemente o professor irá repensar seus meios de ensino para que o objetivo seja alcançado por todos. Isso nos mostra que é importante que a avaliação não seja o fim do processo, mas que esteja contida em seu meio.

Quando fiz meus anos de ensino fundamental e médio, tive professores que sempre passavam testes, trabalhos em grupo, provas, estudos dirigidos como ferramentas para compor a nota final de cada aluno, mas também tive aqueles professores que ao final do período passavam uma prova e a nota que tirávamos era aquela que iria para o boletim. Quando Luckesi fala que é importante à avaliação como meios no processo de ensino-aprendizado ele diz desse professor que possibilita diversas formas de avaliar o aluno no decorrer das aulas. Isso possibilita ao aluno oportunidade de melhorar o seu aprendizado e ao professor de rever sua metodologia de ensino, tendo a oportunidade de mudar ou não.

“A avaliação não se encerra com a qualificação do estado em que está o educando ou os educandos. Ela obriga á decisão, não é neutra. A avaliação só se completa com a possibilidade de indicar caminhos mais adequados e mais satisfatórios para uma ação, que está em curso. O ato de avaliar implica a busca do melhor e mais satisfatório estado daquilo que está sendo avaliado.”

Analisando o modo de avaliação que é feito nas escolas, ousou afirmar que a grande dificuldade é fazer da avaliação uma parte do processo de construção de conhecimentos, uma avaliação processual, qualitativa, ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Avaliar dessa maneira requer dedicação aos alunos e a educação, requer conhecer seus alunos e suas especificidades, requer paciência e essas qualidades não se encaixam na maneira tradicional de se avaliar que ainda é predominante nas escolas brasileiras.

A avaliação nos cursos de licenciatura é pouco trabalhada durante o curso, fazendo com que os discentes da graduação não tenham a possibilidade de ver outras formas de avaliação. Com isso, ao chegar às escolas os professores fazem uma avaliação no mesmo modo que tiveram enquanto alunos, por não terem estudado novas maneiras de avaliar, por sentir-se mais seguro aplicando provas e diversos outros motivos, não tendo uma renovação e sim uma reafirmação do ato de avaliar.

Capítulo 3

O ato de avaliar: início de uma reflexão crítica na Educação Física Escolar.

Neste capítulo irei falar especificamente da avaliação dentro da educação física escolar. O modo como essa avaliação é atualmente feita, as dificuldades que surgem ao tentar elaborar uma maneira diferente de avaliar e refletir sobre como é e, como pode ser feita a avaliação.

Um dos meus questionamentos acerca dessa temática parte das minhas vivências enquanto aluna do segundo grau. Como já dito anteriormente, não via uma coerência no modo em que eu era avaliada e o modo como se dava os conteúdos da educação física escolar. Por ser atleta da escola e fazer parte da equipe de handebol eu ganhava dispensa das aulas e automaticamente um dez no boletim.

A partir desse exemplo levanto outro questionamento, esse a respeito dos conteúdos da educação física escolar, por que ao ser atleta da equipe do colégio sou liberada das aulas de educação física? A educação física escolar pode ser substituída pelo treinamento esportivo? E conseqüentemente minha avaliação era de acordo com meu rendimento nos treinos. É esse tipo de educação física que deve ser propagada nas escolas? É avaliação de alto rendimento/baixo rendimento, que vai colaborar para uma melhor educação das crianças?

Partindo do que eu acredito que deva ser a educação física escolar, como componente curricular, segundo o Coletivo de autores (1992) “a presença do seu objeto de estudo é fundamental para a reflexão pedagógica do aluno e a sua ausência compromete a perspectiva de totalidade dessa reflexão” (p.), com o intuito de formar cidadãos críticos, reflexivos e ativos na sociedade, que possam opinar criar, desenvolver, participar e cooperar no contexto político e social, através das praticas corporais que vão além da perfeição dos gestos motores. Além disso, a vivência corporal, afetiva, cultural e social que o aluno carrega para as aulas deve ser levada em consideração para um melhor aprendizado do mesmo e uma reflexão pedagógica com o intuito de melhorar sua ação.

As aulas de educação física devem ser pensadas nas particularidades de cada turma e nas suas possibilidades de contribuição no processo de desenvolvimento global dos alunos. Deve ser baseada em práticas corporais com uma progressão pedagógica, para cada faixa etária, priorizando a evolução de cada aluno a partir do que ele apresenta e não tomando como base, somente, a padronização das etapas do desenvolvimento humano. Com isso o aluno pode ampliar as possibilidades de aprendizado e vivências corporais. Aulas onde os temas transversais, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), ética, meio ambiente, orientação sexual, saúde, pluralidade cultural e temas locais estejam presentes no desenvolvimento das atividades.

Segundo Kunz (2008), o aluno como sujeito no processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer e reconhecer e problematizar sentidos e significados dessa vida, através da reflexão crítica. Ou seja, aulas de educação física que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida dos alunos, onde o aprendizado das aulas não seja somente para o espaço escolar, mas sim, para todo o contexto social do aluno.

O trato pedagógico dado à disciplina educação física, para além de mera repetição de gestos motores, tem que reconhecer “o outro como um legítimo outro” (MATURAMA,) dotado de marcas e significados, da sua história individual e coletiva, um corpo que vai para além do aspecto biológico, um corpo/sujeito que é produto e produtor de cultura, constituído por experiências e vivências tecidas com múltiplas redes de relações que permeiam nosso cotidiano, onde se inscrevem as marcas de um legado histórico, social, político, ideológico, econômico e cultural.

Acredito que a educação física nessa perspectiva tem muito que contribuir para a formação cidadã dos educandos, trabalhando na lógica de desconstrução de visões generalizadas e hegemônicas acerca dessa disciplina curricular, valorizando-a perante a comunidade escolar.

Assim como Luckesi (2008) e Esteban (2010), o Coletivo (1992) também levanta a questão dos saberes dos alunos para além da escola. A criança chega às salas de aulas dotadas de marcas e saberes da sociedade que os cerca. O professor por seu

papel de mediador (Hoffman...) tem a importante função de trazer esses conhecimentos para dentro da sala de aula e usá-los como um apoio nas atividades pretendidas. citação

A partir dessa lógica, compreendo a Educação Física como área de conhecimento responsável por potencializar a cultura corporal na relação com a sociedade. Assim sendo, devemos trabalhar com os alunos a importância da não reprodução de movimentos, do entendimento do que lhes é dito, de questionar e a partir disso provoca-los a serem formadores de opinião e não meros reprodutores. Assim as aulas de Educação Física juntamente com o posicionamento do professor é que vão direcionar a construção do conhecimento de práticas corporais contextualizadas e significativas para a formação de valores dos alunos, mostrando seus direitos e deveres como cidadãos.

Nessa perspectiva de Educação Física, não podemos tomar como base do processo avaliativo uma avaliação pautada, somente, na presença e participação do aluno. Se os objetivos do processo de avaliação é investigar todo o desenvolvimento, progresso e aprendizado do aluno, como esses dois elementos fazem com que esse objetivo seja alcançado? O aluno pode ser presente e participativo durante todo o ano letivo, porém isso não significa obrigatoriamente que se chegou ao objetivo do processo de ensino aprendizagem.

Com essa reflexão, retoma a pergunta já feita nesse capítulo, quais são os conteúdos da Educação Física Escolar? Tomando como base minhas experiências de estágios, programa de iniciação a docência, as práticas de ensino e minha própria experiência de aluna, digo que em sua maioria os conteúdos não fogem dos esportes sempre prezando suas técnicas e regras.

Esse reducionismo das possibilidades pedagógicas das aulas de Educação Física, impossibilita uma prática avaliativa que englobe outros valores dos envolvidos, permanecendo assim a lógica da presença e da participação.

“Geralmente é feita pela consideração da ‘presença’ em aula, sendo este o único critério de aprovação ou, então, reduzindo-se as medidas de ordem biométrica: peso altura etc. bem como de técnicas: execuções de gestos técnicos, ‘destreza motor’, ‘qualidades físicas’, ou simplesmente não é realizada.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.).

Sendo assim, o que vemos no que diz respeito a como avaliar o aluno, nessa lógica pedagógica, é na realização, ou não, dos fundamentos de acordo com o objetivo traçado pelo professor de cada esporte ensinado. Por exemplo: o aluno no começo do bimestre acerta quatro cestas em 10 tentativas e ao final do bimestre esse aluno passa acertar seis cestas com o mesmo número de tentativas, a partir dessa estatística o professor diz se a evolução do aluno foi o que ele tinha traçado como seu objetivo.

Essas referências da avaliação em Educação Física têm sido causadoras da alta ansiedade que aflige os alunos, quando levados a situações de sobrepujar, de competir, de comparar, de selecionar, de classificar constantemente durante as aulas. Para verificar isso, basta que se observe como o professor comanda as atividades e as regras e normas constitutivas das aulas que são privilegiadas. (COLETIVO, 1992, p.102)

Posso dizer que essas metodologias de ensino e de avaliação reforçam o senso comum no que diz respeito à Educação Física como uma disciplina onde o seu conteúdo é prioritariamente a prática dos esportes e, que somente os alunos com maiores habilidades motoras irão corresponder às expectativas do professor. A partir disso, os outros alunos buscam, cada vez mais, uma maneira de não fazer as aulas de educação física, arranjam atestados, dispensas e diversas outras justificativas para não precisarem ir à aula e não passarem por um possível constrangimento.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), a avaliação nas aulas de Educação Física tem, predominantemente, como objetivo, o atendimento burocrático das normas do colégio, atender a legislação vigente e selecionar alunos para competições internas e externas da escola. O que podemos ver claramente, com os exemplos que dei durante esse trabalho, que essa é uma prática existente nos dias atuais.

A avaliação por ser pouco explorada, dificulta a achar um equilíbrio na forma de avaliar um aluno, que seja satisfatória para ambas as partes, e sistematizar propostas avaliativas que vão além da prática do exame e da limitação do conhecimento, traduzidos em números. Com isso há uma influência negativa nas práticas pedagógicas comprometendo o aprendizado do aluno, dificultando também a ação reflexiva do professor quanto a sua prática pedagógica. No entanto, entendemos que o professor deve ter o foco no seu planejamento, nos objetivos que deseja alcançar dentro do projeto

político pedagógico e considerar todo o processo de construção de conhecimentos do aluno ao longo do ano letivo.

Com esse estudo reconheço a complexidade do tema, porém ousar afirmar que o processo avaliativo está diretamente contaminado pela concepção de Educação Física que rege o trabalho docente.

É evidente a necessidade de uma formação teórico-prática (ou prático-teórica) abrangente e flexível que ofereça aos professores e professoras a possibilidade de afrontar, perceber e desenvolver em suas aulas a variedade de conhecimento e culturas presentes no contexto escolar e social. (ESTEBAN, 2010, p.48)

A partir das minhas reflexões em diálogo com os autores já citados que vão ao encontro de uma concepção ampliada da educação física escolar é perceptível a aproximação dos pressupostos de referências marxista que marcam o Coletivo de Autores (1992). Os autores dessa obra apontam uma avaliação não punitiva, baseando-se na observação dos seus alunos ao longo de todo o processo ensino-aprendizado e que a avaliação deve estar relacionada ao projeto político pedagógico.

Vimos também com Luckesi (2008) e Esteban (2010), que a avaliação está diretamente ligada ao projeto político pedagógico da escola, é com isso que vemos o objetivo de cada disciplina, de cada conteúdo e conseqüentemente a forma que os alunos serão avaliados. Porém o que vimos muitas vezes nos colégios são as metodologias tradicionais de avaliar o aluno, não é muito presente nas escolas uma nova maneira de se avaliar.

Outra negligência grave é a desconsideração da reflexão a respeito do papel que a avaliação assume enquanto elemento constitutivo de um projeto pedagógico. Essa função, na escola, tem servido para selecionar, segregar, retardar ou eliminar o aluno, seja para equipe, para a apresentação ou demonstração, para a série seguinte, para o mercado de trabalho. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.).

Uma avaliação que acredito ser coerente com a minha concepção de Educação Física, é uma avaliação de modo em que o aluno seja visto em sua totalidade, que seu tempo de aprendizado seja respeitado e que não se resuma a um dia de teste ou prova. A avaliação em benefício do aprendizado do aluno, (ESTEBAN, 2013) *práticas*

cotidianas capazes de contribuir com a construção do sucesso escolar de todas as crianças que chegam à escola (p.28), não como vilã e responsável pelo fracasso do aluno.

O processo avaliativo deve ser pautado em diversas maneiras e formas de se chegar ao objetivo traçado. O professor deve proporcionar a turma oportunidade diferentes para se obter um determinado conhecimento e fazer a criança ter o entendimento daquela informação obtida. A avaliação não pode ser somente para gerar uma nota e para cumprir os trâmites legais da instituição de ensino.

A avaliação como um ato pedagógico deve ser um caminho para aprendizagem, fazer parte do processo de construção da aprendizagem do aluno. A avaliação pode promover um intenso diálogo contribuindo para uma contínua e permanente ampliação dos conhecimentos da sala de aula.

Portanto, desenvolver uma prática avaliativa de modo a privilegiar a expressão própria do pensamento dos alunos, a oportunizar-lhes vivências em ambientes interativos, a tornar disponíveis múltiplas e ricas fontes de informação sobre os objetos do saber. (HOFFMAN, 2006, p.55)

Nessa perspectiva de avaliação o professor deve atuar como um mediador no processo de ensino aprendizagem deve ser quem desafia e provoca os alunos para que eles possam alcançar o objetivo traçado por ele. Deve considera todas as respostas dos alunos, tanto as certas e as erradas, para que possa adequar suas estratégias pedagógicas as necessidades dos alunos. Assim, (LUCKESI, 2008) *o professor obrigatoriamente de ser diferente mais maduro e mais experiente* (p. 44).

A avaliação não deve ser tratada como meio de exclusão e de classificação dos alunos. Mas sim, uma fonte de informações que dizem sobre os conhecimentos cada aluno e suas necessidades de atenção. É ver o erro e dedicar-se-á outras estratégias pedagógicas para que esse erro não volte a se repetir, ajudando o aluno a melhorar sua aprendizagem.

No reinterpretar o insucesso e o erro para não fazer deles fontes de culpa ou castigo. Isso significa que deve superar a perspectiva formal de entendimento da aprendizagem que reduz a ‘erros e acenos’. É necessário levar em conta que o erro compõe o processo de aprendizagem e faz parte da construção do domínio

de novos conhecimentos, habilidades e atitudes. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.).

A avaliação deve fazer parte do planejamento do professor. Deve andar junto no processo ensino/aprendizado, com ela o professor poderá ter um retorno do que está sendo feito por ele. Onde ele pode melhorar o que ele deve manter e qual a maior dificuldade dos alunos. Quando esse retorno não é no final de um período há a possibilidade dessa revisão do que está sendo feito.

Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá que ser diagnóstica, ou seja, deverá de ser o instrumento dialético do avanço terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem percorridos. (LUCKESI, 2008, p.43).

Capítulo 4

Considerações Finais

Depois de muito pensar sobre tudo o que eu tinha visto no meu processo de formação docente, de tudo que vivi e chegar a esse tema, comecei a olhar, as diferentes formas de avaliar que estavam presentes na minha vida, de uma maneira mais crítica e como aquilo contribuía para minha formação.

Durante esses anos de graduação, estive em diversas oportunidades no cotidiano escolar, tanto em colégios públicos como privados, constatei que a realidade da Educação Física, nesses dois ambientes não eram muito diferentes, o que mais fazia diferença era a questão dos materiais. Nesses dois espaços tive momentos de conversas e debates sobre diversos assuntos, e eu sempre procurando debater sobre a avaliação que era feita. Os discursos dos professores não eram muito diferentes, sempre com muitas dúvidas em relação ao que se fazer além da presença e da participação. Para a maioria era suficiente para poder dar a nota ao aluno.

Grande parte dos professores já eram bem mais velhos, com isso a formação que eles tiveram reafirmava a maneira tradicional de se avaliar, reproduzindo uma prática avaliativa pontual e classificatória. Com isso podemos ver que há certa dificuldade em se fazer uma renovação dessa prática e de passar aos professores outras maneiras e formas de avaliação, ainda mais quando o professor não tem uma formação continuada.

Para compor esse trabalho minha maior dificuldade foi em achar autores que falem especificamente da avaliação na Educação Física Escolar, o que dificulta, não somente essa prática nos colégios como também a realização de um debate consistente. Porém na área da Educação há diversos autores que debatem sobre o tema há muitos anos.

Para entender melhor toda essa problemática que é avaliar, procurei autores que me mostrassem caminhos que me aproximasse de uma possível definição, se é que ela realmente existe, e então busquei levantar pontos que achei importante para que as minhas dúvidas e inquietações fossem, as poucos, esclarecidas. Pela complexidade do tema, digo que muitos questionamentos foram contemplados, porém, novas indagações

surgiram, o que faz desse trabalho apenas um começo da minha investigação a respeito da prática avaliativa.

Em modo geral, o que podemos ver é uma avaliação para cumprir as exigências dos colégios e por fazer parte do currículo. Muitas vezes a avaliação que é feita é muito diferente do discurso que os professores fazem. O que venho defendendo nesse trabalho, é a prática avaliativa coerente com o discurso.

A forma em que ele vem sendo feita nas escolas, não está sendo suficiente para dizer o que o aluno realmente aprendeu todo o seu desenvolvimento escolar e nem está sendo feita de forma que avaliação possa contribuir com o aprendizado e fazer dos alunos sujeitos críticos e autônomos.

Com isso volto às perguntas que foram base para essa discussão, Por quê? Para que? Só para dar nota? E o processo educativo? Quais eram os objetivos dessa disciplina? Os professores ao montarem seus planejamentos deveriam fazer essas perguntas para ficar claro para eles que tipo de educação eles querem passar e o motivo de avaliar seus alunos.

O desafio proposto implica, então, *desconstruir* o sentido de avaliação como campo discursivo autônomo que, na maioria das vezes, tem fortalecido e legitimado práticas pontuais e individuais de formação, muitas vezes alheias às redes tecidas nos cotidianos escolares, buscando pensar a avaliação também como redes, cujos fios e nos envolvem inúmeros *espaçotempos* das/nas tessituras dos conhecimentos escolares. (FERRAÇO, 2010, p.99)

A partir dessas discussões aponto indícios de como eu acredito que deva ser a prática avaliativa. Uma ação que venha a ser processual e dinâmica, não excludente, não hierárquica e comparativa, uma avaliação como parte do processo ensino aprendizagem e como instrumento de reflexão e reconstrução do trabalho pedagógico.

Pela complexidade da temática e juntamente com a minha escolha metodológica, esse trabalho não apresenta uma resposta definitiva sobre a questão problema, foram apenas traçados caminhos para uma melhor prática avaliativa. Com isso, a continuidade dos estudos com esse tema é de grande importância para que possamos ter um melhor entendimento sobre a avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRIGA, Angel Diaz. **Uma polêmica em relação ao exame.** In: ESTEBAN, Maria Teresa (org.). *Avaliação: uma prática em buscas de novos sentidos.* Rio de Janeiro, DPetAlii, 2003, p.43-66.
- BETTI, Mauro, ZULIANI, Luis Roberto. **Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas.** Revista Mackensie de Educação Física e Esporte, São Paulo, p. 73-81, set. 2002.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** 2ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e o fracasso escolar.** 2ed. Petrópolis, RJ: DPetAlii, 2013.
- _____. **Ser professora: avaliar e ser avaliada.** In: ESTEBAN, Maria Teresa (org.). *Escola, currículo e avaliação.* 4ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- ESTEBAN, Maria Teresa, AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação: reconfigurações e sentidos na construção de um campo.** In: ESTEBAN, Maria Teresa, AFONSO, Almerindo Janela (orgs.). *Olhares e interfaces. Reflexões críticas sobre a avaliação.* São Paulo: Cortez, 2010.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Saberes e práticas cotidianos: pode a formação de professores dispensar a avaliação?** In: ESTEBAN, Maria Teresa; AFONSO, Almerindo Janela (orgs.). *Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação.* São Paulo: Cortez, 2010.
- HOFFMANN, Jussara. **O cenário da avaliação no ensino de Ciências, História e Geografia.** In: DA SILVA, Janssen Felipe, HOFFMANN, Jussara, ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). 4ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógico do esporte.** Unijuí, 6 edição, Rio Grande do Sul, 2008.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições.** 19ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LUIS, Suzana Maria Barrios. **De que avaliação precisamos em Artes e Educação Física?** In: DA SILVA, Janssen Felipe, HOFFMANN, Jussara, ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). 4ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- MATURANA. Humberto **Emoções e linguagem na educação e na política.** tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

QUARESMA, Lolly. **No campo da avaliação: Mapeando um território entre a Educação e a Educação Física – provocando outros olhares para as práticas avaliativas na escola**. Monografia apresentada na conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFF, 2011.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

ENTREVISTA JUSSARA HOFFMANN E A AVALIAÇÃO MEDIADORA.

Disponível em:

<http://www.dn.senai.br/competencia/src/contextualizacao/celia%20-%20avaliacao%20Jussara%20Hoffmam.pdf>. Acessado em: 18/04/2015

CONTEXTO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO: IMPLICAÇÕES E SUAS DIMENSÕES.

Disponível em:

cewk.pbworks.com/f/CONTEXTO+HISTÓRICO+DA+AVALIAÇÃO.doc.
Acessado em: 18/04/2015.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acessado em: 20/09/2015.